



UFMT / museu de arte e de cultura popular

exposição de edival ramosa

CIDADE UNIVERSITÁRIA – BLOCO DE TECNOLOGIA – 78.000 – CUIABÁ – MATO GROSSO

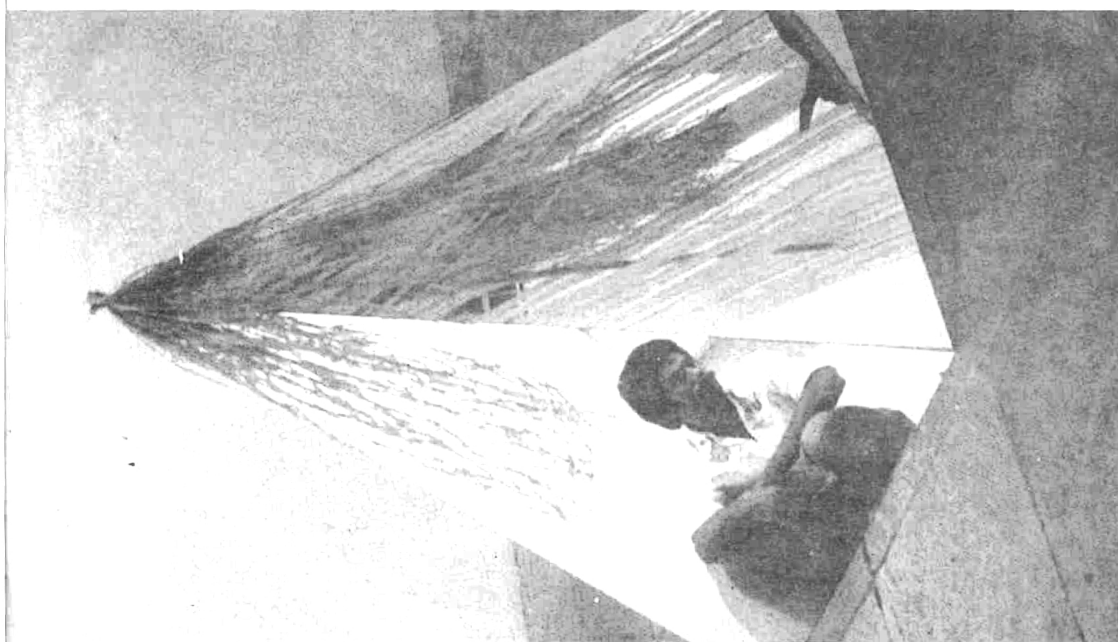
Edival Ramosa
Nasceu em São Gonçalo/Estado do Rio / 1940
vive e trabalha em Milão e Cabo Frio.

Exposições Coletivas

1965 "perpetuum mobile" / galleria dell'obelisco / roma
1966 "salone internazionale dei giovani" / venezia
1966 "il piccolo formato" / galleria il salotto / como
1966 "il gioco degli artisti / galleria del naviglio / milano
1967 "testimonianze psichedeliche" / salone annunciata / milano
1967 "l'uomo e lo spazio" / milano
1967 "l'uomo e lo spazio" / trieste
1967 "salone internazionale dei giovani" / milano e torino
1968 "oggi" / salone annunciata / milano
1968 "prêmio ramazzotti" / milano
1968 "prêmio città valdarno" / orezzo
1968 "prêmio città acireale"
1969 "centro documentazione visiva" / piacenza
1969 "galleria stein / torino
1969 "oggi" / salone annunciata / milano
1969 "le due realtà" / lerici
1970 "second british international print biennale / bradford/
england
1970 "galleria il segnapassi / pesaro
1971 "oggi" / salone annunciata / milano
1971 biennale lubiana / iugoslávia

Exposições Individuais

1965 salone annunciata / milano
1966 galleria italo-brasiliana / milano
1966 galleria s. petronio / bologna
1967 "le linee di gioia" / galleria ferrari / verona
1967 "le linee di gioia" / galleria arte viva / trieste
1968 "environmental sculpture" / australia sculpture gallery/
canberra
1969 "áfrica europa" / salone annunciata / milano
1969 "galleria il segnapassi / pesaro
1970 "studio marconi / milano
1970 "gal. richard foncke / gent (belgio)
1971 petite galerie / rio de janeiro
1972 galleria salone annunciata / milano
1973 stúdio soldano / milano
1973 galleria dei carabinieri / varazze
1974 palazzo dei diamanti / ferrara
1974. arte global / são paulo
1974 new style / rio de janeiro
1975 galleria arte global / rio de janeiro

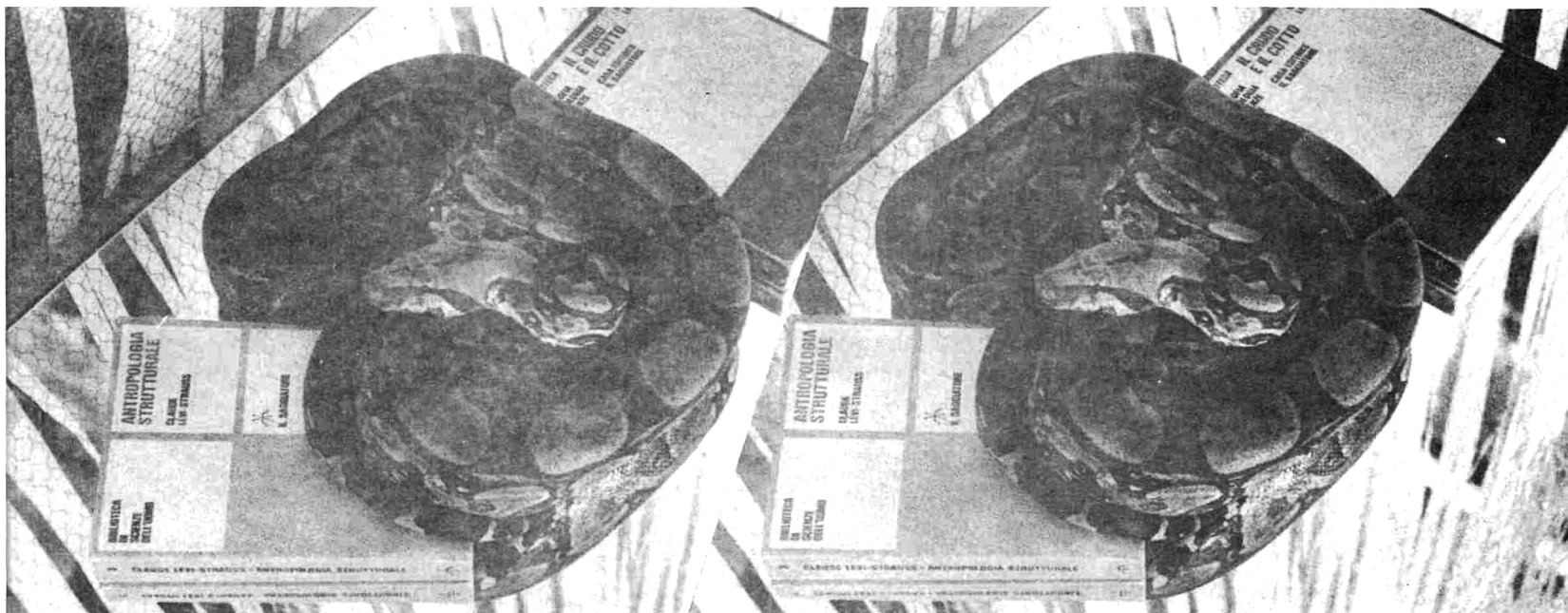


Com a individual de Ramosa, o MACP cumpre nova etapa do Ciclo de Exposições previsto em nosso plano de ação, em 1975.

Edival Ramosa, brasileiro de formação artística italiana, encontra atualmente em nossas raízes culturais os principais suportes de sua obra.

Com esta mostra o Museu pretende oferecer ao público interessado, oportunidade de estudo de mais uma forma de apropriação plástica de elementos culturais indígenas, na arte brasileira de vanguarda. Pretende ainda, através da obra de Ramosa, propiciar elementos de reflexão sobre aspectos que transcendem à estética estritamente visual.

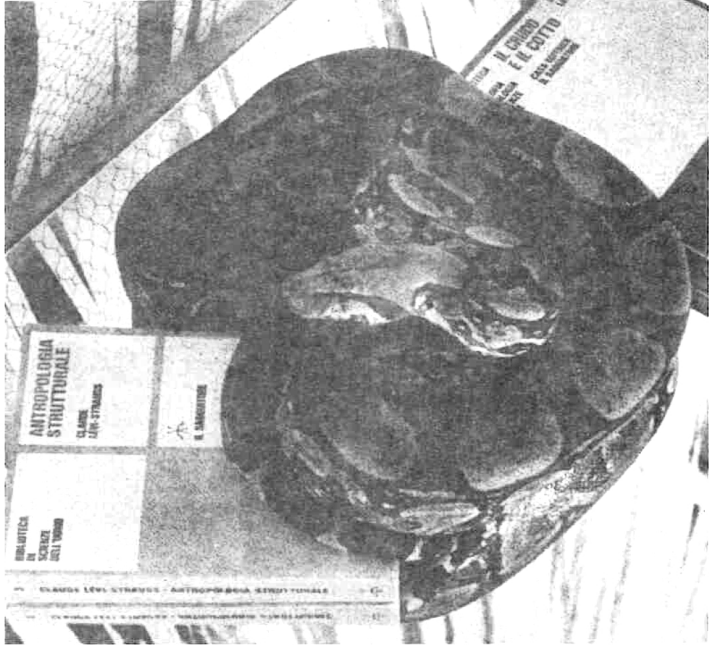
Humberto Espíndola
Diretor



IMITAÇÕES RITUAIS INDÍGENAS

(Reproduções inventadas da vida dos índios)

Como índio de origem, vivi no subúrbio perto do Rio de Janeiro desde pequeno; vivi dez anos no mundo europeu, com uma pesquisa artística de abstracionismo, com participação inevitavelmente distante da vida coletiva do período anterior. Creio que na minha operação (trabalho) que se refere a vida e a prática dos índios brasileiros, nas suas crenças simbólicas e características expressivas, não seja de algum modo uma recuperação daquela civilização “mágico—ritual” selvagem, mas que seja inevitavelmente, simplesmente e justamente em outro contexto uma sua reprodução que terminada, mesmo com con frontos de cultura e antropologia cultural, junto a minha sujeição pessoal e linguística.



MEU PAI ÍNDIO (contos)

— autobiografia —

Nasci num certo lugar que hoje é no interior do Brasil, existe um Hangar semidestruído e abandonado cheio de Bombas vazias de gás oxidríco.

Havia, antes, a cabana central e meu pai, e avós como estatuas em pé, faziam os turnos de guarda em frente a mesma; agora o riacho onde nadávamos e brincávamos está do outro lado do asfalto; a tribo (família) vivia a beira da floresta e todos viviam bem é evidente.

Até que um dia chegaram do alto do céu os discos voadores, jogando fumaça espalhando-se por todas as tendas. De medo a corrente das águas do rio me levaram embrcra enquanto tomava o meu banho no rio. Depois voltei caminhando e correndo em direção da tenda e vi máquinas e tratores, ferro e concreto; irmãos em fuga que mortos no chão, pareciam personagens do outro mundo, com sons rumorosos e destruição.

Encontrei parte da família em outra pequena cabana, outra taba, mas já aldeia e hoje cidade, e depois fomos para uma outra cidade, fomos para perto do Rio de Janeiro; isto tudo me contou papai. Eu, garoto do Rio de Janeiro, negro bastardo, nascido de mãe negra filha de índios, pai cafuso, filho de negro da África e portugueses.

Meus pais se casaram finalmente na igreja, depois do terceiro filho, o quarto, e verdadeiro, eu, nascido como filho verdadeiro porque a família casou-se na igreja, pobres índios e pobres mistos que passaram através dos missionários com todas as tenras cerimônias transformadas cristãs e ainda porém tenras e selvagens. A mim todos os caprichos e em poucos anos ainda criança comecei a morrer. Morria por breves períodos de vida, e quando a vida não me interessa mais morro, ainda.

Então era o bastante que se levantassem as vozes comigo e eu me transformava em cadáver, e todos choravam a minha morte e me beijavam enquanto eu estava morto para que eu ressuscitasse; portanto todos necrófilos.

Morria várias vezes, muitas, duas ou três vezes por dia, até que me mandaram para o Seminário, porque morria demais (pensavam em me formar num Santo Padre, o Papa). E assim fugi como soldado das forças da ONU através da Arabia “Oriente Médio”, me lembro ainda hoje a macumba, nas altas noites sentados diante a um altarzinho de madeira: São Jorge, São Benedito, São Pedro. Velas acesas pelo quintal, o cachimbo a rodar de boca em boca como na aldeia indígena. Levanto-me com ervas (galhos de mato) moidas a mão e coloco as ervas dentro de uma caneca de lata; chegava meia-noite, molho outro tipo de erva dentro de uma outra caneca com cachaça e com o sinal da cruz benzo sobre todas as cabeças, e assim fazem todos. Pedrina começa a tremer passa tremedeira a Jorge.

Ambrozina, José cada um por sua vez treme, no quintal no meio das velas ainda acesas começa a música, começa a dança:

Changô—ô—ô Changô—ô—ô

Pai velho da macumba

Caia sobre nossas cabeças

Bota fora todos os maus.

Tan — tan — tan

Tan — tan — tann

levantam e fora todos a dançar também. Rasgam-se as roupas do corpo e a pele, batem com a cabeça contra as paredes, dançam até mesmo deitados no chão e a música continua ainda dentro da minha cabeça.

Depois que cheguei em Milão e me meti a ser pintor das cores e das formas brasileiras, estudando também os europeus, comecei

a entender o mundo. Quando houve uma batida da polícia em uma manifestação do Vietnam, e velozmente como na corrente do meu rio, abaixo dos discos voadores e as línguas malditas de fogo estavam na mesma corrente e então as flores do meu mundo com seu princípio de gozo e de êxtase frenético me disseram para parar e pensar, que o pensar é parar e não correr.

O mal possível indo embora, fugindo, porque não devemos sentir vivos só na dança, e pensando escrevi poesias:

A loucura de ser

Branco

Negro

Índio

Amarelo

Vermelho, índio, esquimó

O cão, e gato, a serpente

A luta constante; entre.

Ví tanta luz

o céu talvez o mar

não ví o azul

o verde é vermelho

o azul é vermelho

o vermelho é vermelho

E junto as grandes flores e desenhos e gestos sobre o chão e riscados no chão enquanto era bebado de LSD escrevi na mente outras poesias:

Antes de salvar

toda a humanidade

queremos

não quero

Não não estes

projetos

de um jardim

É MUITO.

IMITAÇÕES RITUAIS INDÍGENAS

(Reproduções inventadas da vida dos índios)

ÁGUA (piramide I)

Para o Bororo a água é um elemento familiar. Eles acreditam até que mastigando certas folhas podem permanecer debaixo d’água várias horas para pescar. Neste sentido (gênero) de vida fazem confrontos algumas crenças religiosas na qual a água ocupa um lugar importantíssimo.

O Bororo pratica a dupla inumação. A primeira sepultura sumária tem lugar na praça da taba, onde por varias semanas os parentes molham com as suas lágrimas o cadáver para adiantar a decomposição. Quando está bastante avançada se abre a tumba e se leva o esqueleto até ficar completamente sem carne.

Os ossos eles pintam de vermelho e enfeitam de mosaicos de penas coladas com resina, os ossos então são colocados num cesto para serem depois solenemente submergidos no fundo de um rio ou lago “o Lar das Almas”.

A água e a morte são portanto sempre associados ao pensamento indígena, para se obter uma deve-se considerar a outra. É assim que confirma a seu modo o mito Bororo dos caçadores dos ninhos de passaros.

TERRA (piramide II)

Terra, areia, barro, lama, terra. Na terra se nasce, se vive e se morre. Se nasce para fora da terra, se vive sobre a terra e se morre debaixo da terra.

Nasce para fora da terra um ser que vive ou começa a viver sobre a terra. Cultiva-se a terra para viver sobre a terra em casas feitas de terra. Abre-se também a terra para morrer e continuar a viver debaixo da terra.

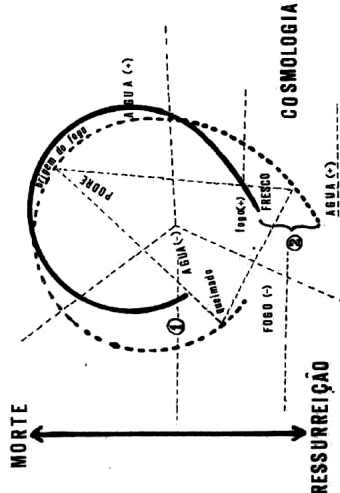
Terra é um mundo, é um planeta. Marte, Jupiter, Saturno são planetas também. Se si vive sobre a terra que é um planeta, se viverá também nos outros?

AR (piramide III)

Ar é espaço ocupado desde o momento em que nascemos para fora da terra e que ocupamos cada vez mais a medida que começamos a viver a respirar. Não se vive no mundo da lua e sim no mundo do ar. Ar para respirar é igual ar para viver. Usa-se também (nas guerras) ar para morrer “gás venoso”, “ar venoso”. Fecha-se dentro uma caixa (pirâmide) para sentir falta de ar e morrer. Sentir fome de ar é igual a correr das grandes cidades para os campos, montanhas ou mar.

Quando se vive nos campos, montanhas ou mares, corre-se para as grandes cidades, isto é fecha-se dentro a caixa (pirâmide) e si morre.

FOGO (piramide IV)



1. BORORO

2. SHERENTE

MITOS RELATIVOS A ORIGEM DO FOGO